

FACULDADES INTEGRADAS – IPEP
CENTRO DE ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA E DIREITOS HUMANOS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO POLICIAL CONTINUADO

PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSO EM
CINOTECNIA POLICIAL

VALÉRIA MUNIZ

CARACTERÍSTICAS NECESSÁRIAS EM CÃES FAREJADORES

SÃO MIGUEL DO GUAPORÉ-RO
2021

VALÉRIA MUNIZ

CARACTERÍSTICAS NECESSÁRIAS EM CÃES FAREJADORES

Artigo de conclusão de curso apresentado ao setor de pós-graduação das Faculdades Integradas - IPEP, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de especialista em Cinotecnia Policial.

Orientador: Jorge Pereira
Luciano Kovalchuk

SÃO MIGUEL DO GUAPORÉ-RO

2021

CARACTERÍSTICAS NECESSÁRIAS EM CÃES FAREJADORES

VALÉRIA MUNIZ¹

RESUMO

No que segue, discute-se as principais características que são importantes para um cão farejador. Ou seja, busca delimitar quais habilidades comportamentais e características físicas deve ter um cão para ser adequado para uso como farejador em diversas atividades humanas. Para isso, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, bibliográfica e descritiva onde foram analisados trabalhos de pesquisa teórica e empírica de diversos autores, assim como informações históricas acerca do uso do cão como farejador.

PALAVRAS-CHAVES: Canis lupus familiaris. Cão farejador. Adestramento.

ABSTRACT

In what follows, the main characteristics that are important for a sniffer dog are discussed. In other words, it seeks to delimit which behavioral skills and physical characteristics a dog must have to be suitable for use as a sniffer in various human activities. For this, a qualitative, bibliographical and descriptive research was carried out, where theoretical and empirical research works of several authors were analyzed, as well as historical information about the use of the dog as a sniffer.

KEYWORDS: Canis lupus familiaris. Sniffer dog. Training.

¹ Licenciatura Plena em Pedagogia. valeriamuniz.k9@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os cães são os animais mais próximos dos humanos e têm sido usados em uma variedade de trabalhos. Os exemplos incluem cães de apoio psicológico, cinoterapia, guarda e proteção, tração, rebanhos e cães-guia, cães de caça. Esta última é uma das primeiras funções na sociedade. Desde a detecção de explosivos, drogas, células cancerígenas, febre bovina, o resgate de pessoas desaparecidas, bem como o combate a biopirataria que são: animais vivos contrabandeados, couro e peles de animais e sementes que por sua natureza possuem controle de entrada e/ou saída do país.

Não é possível compreender bem o cão se não notar que ele é, em boa medida, “olfato com patas”. Foi com esses termos que Hasbrouk retratou a importância do cão nesse sentido do uso como farejador. Os cães podem operar de forma similar a detectores tecnológicos criados por humanos, pois tem aptidões importantes para isso.

Isso ocorre porque enquanto os seres humanos exploram o mundo principalmente com os olhos, o cão faz a mesma coisa com o focinho, percebendo o mundo principalmente através deste. A explicação é que enquanto os seres humanos tem cerca de 5 mil células olfativas na estrutura nasal, um cão possui cerca de 200 milhões. Ademais, o tecido onde se encontram essas células está em forma de pregas e o comprimento quando estirado chega a ser do mesmo tamanho do animal.

O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão bibliográfica com o objetivo de associar as características desejadas dos cães selecionados com o trabalho de farejadores. A pesquisa busca sintetizar consensos na literatura sobre o assunto.

Para tanto, parte-se de pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva com vista a montar o substrato teórico usado na análise do objeto aqui elegido para investigação. Também será feito uso informações históricas acerca do uso do cão em diversos momentos da trajetória da civilização enquanto farejadores.

2. DOMESTICAÇÃO DOS CÃES

Determinar a data exata da primeira domesticação de cães é impossível, mas acredita-se que as atividades de caça tenham ajudado nessa relação. Com o passar do tempo e o conseqüente aumento das espécies de *Homo sapiens*, a luta alimentar entre humanos e cães tornou-se ainda maior. Humanos, ainda nômades, viviam da caça. A caça limitava-se a cervos e javalis, que também faziam parte da dieta do lobo nesse período. Com o declínio da caça, os homens inventaram novas armas e técnicas, tiveram mais sucesso em suas jornadas de caça de alimentos e deixaram caninos para trás durante a caça. Dessa forma, o cão deixou de competir por comida com o homem, que passou a alimentá-lo, depois domesticá-lo, e acabou utilizando-o para exploração nutricional, produzindo o primeiro cão de caça.

Nesse sentido, Martins (2007) afirma que a relação provavelmente começou espontaneamente no campo, que por sua vez, ficava próximo das moradias sendo uma área comum do homem e do cão, propiciando certa sensação de segurança aos grupos humanos, e com o passar do tempo ocorreu uma relação amigável entre ambos. Desde então, essa amizade e com carinho e afeto começou a se estreitar, e os cães também passaram a participar da caça, tornando-se mais amistosos.

Costa (2008) afirma que essa parceria beneficiava esses cães, pois o trabalho e a proteção de humanos que alimentam cães, também protegem estes de outros animais selvagens. Até uma relação mais ampla, o cão tornou-se receptivo aos humanos, ajudando com suas atividades e também protegendo de ataques de outras pessoas. Tratou-se desde esse momento de uma grande parceria entre o ser humano e os cães, havendo de forma estrita uma amizade.

Por séculos, além de ajudar na caça, os cães começaram a ajudar as pessoas em outras atividades, como pastorear seu rebanho, segurança da família, tração de trenós e operações de guerra. E hoje, o alcance dessa atribuição dada aos cães está se expandindo. Os cães desempenham funções como resgate de pessoas, orientação de deficientes visuais, companheirismo, terapias e, claro, atividades policiais (MARTINS, 2007).

A enciclopédia canina (CANNI, 2001) afirma que desde os tempos antigos, os cães desempenhavam muitas funções: combate, produção de carne e tração em trenó. Mais tarde, o Império Romano se tornou um pioneiro na criação de cães, ostentando o título de "Pátria de Mil Cães", e previu uma variedade de raças de cães, como companhia, ajuda em fazenda e proteção de rebanho e caça.

Devido à grande afinidade e influência humana que se desenvolveu entre humanos e cães ao longo do tempo, várias novas raças surgiram, tornando os cães animais altamente diversificados. De acordo com Maciel (1999, p. 38), alguns ramos do reino animal apresentam mudanças significativas no tamanho, forma, tipo de pelagem e comportamento, muito parecido com as raças de cães. Esta dessemelhança entre os cães decorrente da influência humana visa facilitar o surgimento de novas raças para que os cães tenham as qualidades e habilidades para melhor utilizar e desenvolver as atividades acima.

Segundo Geary (1978), o longo processo de domesticação de cães não pode ser negado, nem sua eficácia. Além de ser tolerante com os humanos, outras espécies animais não procuram ativamente viver com ele. Isso é confirmado pela observação de filhotes de hiena nascidos em cativeiro. A hiena demonstrou agressividade significativa contra o ser humano, mordendo-o e evitando o máximo possível o contato com ele. Filhotes de cães domésticos, por outro lado, têm uma forte carga genética e mostram uma necessidade essencial de manter contato social correndo para os humanos com entusiasmo para brincar, mesmo que eles não sejam treinados para se comportar dessa maneira. Fioroni (1970) afirma que ao lidar com as várias funções que os cães desempenharam no passado, elas foram as mais importantes para a sobrevivência humana. Foi um dos pontos de inflexão na evolução da civilização.

Guerras e batalhas fizeram parte de toda a história da humanidade e operava entre os antigos que buscavam mais terras e poder. Os cães sempre estiveram ao lado do homem e, durante esses conflitos, os cães participavam ativamente. O homem então os treinou para servirem como armas e começou a usar os cães em operações de guerra como técnica auxiliar. De acordo com a Enciclopédia Canina (CANIN, 2001, p. 400), para armas e o exército, os cães foi gradativamente aprimorado em seu emprego ao longo dos séculos.

Segundo Maciel (1999), civilizações antigas já usavam cães durante campanhas armadas, incluindo egípcios e romanos. Essas pessoas usavam cães

molossos preferencialmente por causa de suas tendências agressivas e grande tamanho corporal. Eram grandes máquinas de guerras (CANIN, 2001) e desde o século 13 a. C, os cães participam da luta dos homens como soldados, com todos os direitos e obrigações. O cão Molosso representa uma arma indiscutível contra os inimigos atingidos por suas terríveis mordidas.

Os cães foram usados em vários aspectos ao longo da história, incluindo a batalha entre os bretões e os romanos no século I A.C. Os britânicos usaram caninos para evitar a invasão do território romano. Átila, o rei dos hunos, usou cães em larga escala em conflitos para expandir seu território e em confrontos com o Império Romano (MACIEL, 1999). Os cães participaram principalmente de guerras antigas, mas nas duas principais guerras do século 20, estima-se que foram empregados 75.000 cães na Primeira Guerra Mundial. Mais de 200.000 de cães na Segunda Guerra Mundial. Suas missões foram as mais diversas, envolvendo-se em busca, resgate, segurança, paraquedistas e até mesmo serviços suicidas (MACIEL, 1999). Nesse diapasão ensina Costa (2008, p. 21) que ao longo dos séculos, várias outras civilizações usaram os cães na guerra para atacar as forças inimigas, mas foi na Primeira Guerra Mundial que começou a ganhar maior atenção e é usada em quase todos os países participantes. Seu uso passou a ser principalmente para busca, resgate e segurança de instalações, uma vez que atacava as tropas inimigas de uma maneira ferozmente sanguinária quando treinado para isso.

Sempre houve também uso desumano desses animais. Depois de jejuar um ou dois dias antes do ataque, uma mina terrestre era muitas vezes colocada em suas costas e os cães corriam para um destino terrível. No entanto, essas práticas completamente cruéis conseguiram espalhar turbulência entre o exército alemão (CANIN, 2021).

Além disso, durante o século 20, as colônias africanas e asiáticas começaram a buscar a independência das grandes cidades da Europa. As grandes cidades europeias estavam a impor políticas destinadas a adquirir mais matérias-primas para uso industrial e a expandir o mercado consumidor. No entanto, a libertação desses países foi alcançada apenas no campo de batalha onde os cães foram ajudantes. Um exemplo disso ocorre durante a Guerra da Indochina, o terreno e a vegetação representaram muitos problemas para as operações realizadas pelas tropas francesas. Os primeiros meses revelaram os perigos que as unidades de pára-

quedas lançadas em áreas inimigas podem enfrentar. Apenas os cães eram capazes de acelerar as batidas sutis que os soldados precisavam executar (CANIN, 2021).

A guerra supracitada devastou cidades. No entanto, ocorreu expansão do cão e de suas atividades na sociedade, levantando preocupações para os homens em relação a esses seus melhores amigos e começando a formar instituições e órgãos relacionados aos cães. Como aponta Maciel (1999), o cão ainda está no campo de batalha. Isso pode ser mencionado principalmente na invasão norte-americana da região do Iraque, que se aplica com a mesma eficiência de outros conflitos. Portanto, a forte presença de cães em batalha no passado tem sido corroborada, proporcionando segurança e ataque a tropas e milícias em conflito, despertando o interesse no uso dessa ferramenta pela polícia, e por décadas a séculos. Também marcam seu trabalho até agora.

Quanto ao que foi exposto até o momento, fica clara a capacidade do cão de realizar diversas atividades a favor do ser humano. Inicialmente, os cães eram aplicados em tarefas diárias humanas, como pastorear e caçar alimentos para a vida familiar, mas naquela época os cães já estavam no papel de guardiões de seus donos e do local em que viviam.

Em uma guerra, os cães mais uma vez provaram ser uma ferramenta essencial para o sucesso nas batalhas contra seus inimigos. Com o uso de cães policiais, o poder de fiscalização e gerenciamento pessoas demonstrou ser um eficiente instrumento de combate ao crime, sendo aplicado até hoje no meio policial.

Segundo Maciel (1999), o uso de cães como auxílio policial remonta ao século XIV na França, principalmente em Saint-Malo, onde foi criado o sistema de patrulha canina. Ao mesmo tempo, o cão acabou sendo usado por guardas de fronteira em todo o continente europeu. No mesmo sentido, Silva (2003, p. 30) afirma que na França, um sistema de patrulha canina foi lançado no século XIV e eram esporadicamente utilizados em alfândega e guarda de fronteira.

Alguns anos depois, mais ou menos em 1886, os alemães começaram a usar cães nos serviços policiais, acreditando no sofisticado olfato, agilidade e obediência apresentados por algumas raças como é o caso do Pastor alemão. Com o sucesso na Alemanha, a aplicação de cães para atividades policiais logo se espalhou para a Bélgica e Holanda por volta de 1900, e um pouco mais tarde em outros países europeus, incluindo o Reino Unido em 1935 (MACIEL, 1999). Portanto, Silva (2003)

ainda revela que esta raça é conhecida por muitos como pastores da polícia para prisioneiros, prisões e rondas, e para este uso até hoje.

Como os países europeus, os Estados Unidos começaram a usar cães para combater o crime em 1931, sendo pioneiros no uso de cães policiais na América do Norte. Inicialmente, um programa de treinamento para cães foi desenvolvido em uma delegacia de polícia em Berkeley, Califórnia, e posteriormente expandido para outras delegacias, incluindo a DEA e FBI (MACIEL, 1999).

O uso de cães em operações de segurança pública teve tanto sucesso nos Estados Unidos que hoje a unidade canina, também conhecida como K-9, é encontrada em praticamente todas as delegacias americanas. Dessa forma, os cães se tornaram apoiadores de uma variedade de atividades policiais, incluindo patrulhas aéreas, realização de missões de detecção de drogas e explosivos e operações de busca e resgate em desastres públicos (MACIEL, 1999). Seguindo os modelos europeu e norte-americano, a Argentina desenvolveu a primeira unidade canina da América do Sul. Inicialmente, os cães foram trazidos por refugiados alemães da Segunda Guerra Mundial e logo incorporados à sociedade e à polícia. Hoje, a Argentina é considerada o segundo maior país do mundo depois da Alemanha em termos de criação e treinamento de cães pastor alemão (MACIEL, 1999). Nesse sentido, Silva (2003, p. 32) argumenta que na América do Sul, a Argentina foi o primeiro país a usar cães nesse sentido supracitado.

A eficiência que os cães têm trazido para policiais de outros países tem despertado interesse na polícia brasileira. A mesma rapidamente aprendeu essa técnica para melhor servir a sociedade e buscou aprimorar ainda mais o monitoramento. Sobre o exposto, Maciel destaca (1999, p. 70) que a primeira experiência foi praticada de forma tímida, pela Polícia Militar do Rio de Janeiro e de São Paulo na década de 1940. Porém, em 1950, foi oficialmente fundado o canil da força pública paulista.

Dessa forma, o uso de cães em atividades humanas é de grande benefício para as empresas e a sociedade, pois melhora os serviços, torna-se mais técnico, e reduz a criminalidade ajudando na busca por sensação de segurança. Além disso, o cão proporcionou uma relação íntima entre a polícia e a comunidade por sua obediência e comportamento de companhia.

3. METODOLOGIA

1.2 Natureza da pesquisa e tipo de pesquisa

Trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva.

1.3 Materiais e métodos

Na pesquisa bibliográfica, foi feito levantamento em diversos bancos de dados, tais como Scielo, Google Acadêmico e alguns bancos de teses e dissertações de universidades. Assim, os materiais são computador, internet para aquisição de artigos científicos, dissertações e teses sobre o assunto. Quanto aos métodos, foram adaptados procedimentos similares aos de uma revisão de literatura. Também foram feitos usos de livros adquiridos por empréstimos com terceiros, compras e com bibliotecas universitárias.

1.4 Procedimentos de coleta de dados

Foram usados descritores para a pesquisa bibliográfica, tais como: “Cão farejador”, “Característica do cão farejador”, “Cão farejador e treinamento”. Esses três grupos de descritores foram usados em todos os bancos de dados supracitados.

1.5 Procedimentos de análise de dados

Inicialmente foi feita uma leitura geral em cima de resumos e conclusões de artigos, dissertações e teses cujos títulos sugeriam relevância para esta pesquisa.

Após essa leitura, foram excluídos os trabalhos que não ajudavam a esclarecer ou informar de forma relevante o assunto aqui proposto para estudo. Após essa leitura, foi criado um sumário para a monografia e referência a ser usada foi direcionada ao capítulo específico.

Após leitura dos artigos, dissertações e teses escolhidas, iniciou-se a redação da monografia, o que foi levando o pesquisador a incluir algumas obras pontuais para ajudar no substrato teórico da investigação. Nesta fase foram incluídos os livros supracitados.

4. CARACTERÍSTICAS ADEQUADAS

Segundo Polgar et al (2016), características comportamentais e físicas específicas são geralmente desejadas ao escolher um cão farejador. Isso fez com que algumas variedades fossem preferidas para o trabalho de farejador, como foi o caso dos Pastores Alemães e dos Malinois.

Estudos recentes comparando híbridos com mutações dentro de cada raça representam desafios na escolha do cão farejador adequado (JEZIERSKI et al., 2014). A maioria dos programas de avaliação de cães farejadores, por exemplo, programas de trabalho militar para cães, usam apenas indivíduos de uma ou duas raças (MOORE et al., 2001). Isso limita a qualidade dos programas de seleção individuais para tarefas de detecção de odores e pode reduzir a taxa de sucesso da seleção de animais. Por cerca de 10 anos no mundo, as pessoas trabalharam com indivíduos. A raça não é o único fator para determinar se um animal terá sucesso em uma operação que demanda farejador. No entanto, as diferenças nas características físicas das raças afetam suas habilidades e aptidões. Os cães especiais foram criados por seleção artificial contínua, mas como já mencionado, atualmente não existem raças especiais para trabalho de detecção (ROONEY et al 2004).

Em confronto com as estratégias instrumentais, os cães farejadores são considerados ferramenta versátil e segura na presença de interferências ambientais e outros odores. Isso se deve à anatomia única em que o sentido do olfato é muito sensível devido ao aumento da superfície do epitélio olfativo no labirinto de dobras

etmóidais cobertas por epitélio sensorial. A sensação do odor de cachorro seja 100 vezes mais sensível do que a do homem (GORDON et al. 2008).

Os seres humanos tem a capacidade de detectar em média 10.000 odores; possuindo uma membrana olfatória com uma superfície de aproximadamente 2,5 cm² e cerca de 5 milhões de células sensoriais, cada uma com 4 a 25 cílios. Já nos cães, a membrana pode chegar a 150 cm², com mais de 200 milhões de células sensoriais, cada uma com pelo menos 100 pelos sensoriais. Dessa forma o olfato canino demonstra-se como o principal sentido nesta espécie, podendo variar de intensidade de acordo com a raça. Estruturas anatômicas que compõem as cavidades nasais são responsáveis por assegurar o deslocamento e retenção do ar farejado no epitélio olfatório, dessa forma as substâncias odoríferas são concentradas pela repetição, caracterizando o ato de farejar que consiste na inalações e exalações curtas seriadas, interrompendo o padrão ventilatório normal do sistema respiratório. (NOTOMI et al, 2020, p. 35)

Muitos estudos mostraram que os cães são capazes de encontrar cheiros diferentes. Cães treinados são mais sensíveis, confiáveis e práticos do que outros dispositivos de detecção, além de reduzir o tempo que leva para encontrar um objeto alvo. Além disso, os cães são fáceis de treinar e agir (BROWNE et al., 2006). Desde a Segunda Guerra Mundial, os cães têm sido usados para detectar odores. Os nazistas usaram um cachorro para encontrar um soldado do Serviço Aéreo Especial Britânico. Eles saltaram de paraquedas na Alemanha e coletaram informações de inteligência (SEVERN, 2015, MICHERETTI, 2016). Porém, o uso de cães farejadores não está hoje reduzido exclusivamente ao uso policial, e atualmente as habilidades olfativas são utilizadas em várias áreas da atividade humana, como medicina, agricultura, engenharia civil e proteção ambiental (GAZIT et al 2003).

O uso de cães de detecção por forças de segurança e militares visa a busca de sobreviventes e humanos em caso de desastre, bem como de armas, explosivos, drogas, contrabando, minas terrestres e a busca e rastreamento de suspeitos de crimes. Estabelecido em todo o mundo para esses fins (BROWNE et al 2006) na área médica, houve relatos de uso com sucesso de cães de detecção para detectar diferentes formas de câncer, o que tacitamente sugere que os cães são farejadores

confiáveis de câncer de pulmão por meio de uma amostra do ar exalado do paciente.

Moser (2010) revisou um conjunto de pesquisas sobre o assunto supracitado e confirmou a detecção de odores específicos de biomateriais por cães. Pode ser citado como uma forma eficaz de detectar vários tipos de elementos, por exemplo, urina ou ar exalado, resíduos de sangue, alteração hormonais. Porcentagem de cânceres humanos, como câncer de mama, câncer de próstata, câncer de pulmão, melanoma e câncer de bexiga. Além de diagnosticar câncer, cães têm sido usados para detectar hipoglicemia relacionada ao diabetes e alertar sobre ataques epiléticos iminentes. Acredita-se que os cães reconheçam mudanças no sentido do olfato devido ao aumento da sudorese, provavelmente combinado com mudanças no comportamento (CHEN et al., 2000). Foi sugerido que os cães podem detectar odores e mudanças comportamentais emitidas por seus donos antes de uma crise epilética. Também há relatos de que cães treinados detectaram odores de substâncias alérgicas, como amendoim, em pessoas com alergias altas.

No Brasil, os efeitos dos produtos de origem animal sob as importações ilegais na disseminação da doença foram registrados em diversos episódios. Por exemplo, o surto de peste suína africana em Paracambi no Rio de Janeiro (MOURA et al, 2010). Para evitar a introdução de produtos da flora e da fauna importados ilegalmente, alguns países utilizam cães farejadores (MICHELETTI, 2016).

As raças não têm sido utilizadas como critério para a escolha de um cão farejador há algum tempo, mas mesmo sem consideração da raça, é sempre necessário medir a disposição de um cão antes de escolher um para farejador. Os cães devem ser atléticos e treináveis para garantir que possam completar fisicamente seu trabalho e, ao mesmo tempo, estar motivados para realizar sua busca. As diferenças nas características físicas das raças afetam suas habilidades e aptidões (GRAHAM et al, 2009).

A velocidade é um traço importante em todas as áreas de trabalho para cães. Isso porque os cães precisam desempenhar suas funções rapidamente, sem perder os objetivos pretendidos e sem exaustão prematura (JEZIERSKI et al., 2014). Ao detectar em terrenos difíceis, o cão deve ser ágil, ter uma resistência extraordinária e ser capaz de cruzar diferentes tipos de terrenos, nos mais variados ambientes. Os cães grandes retêm mais temperatura corporal do que os cães pequenos, que retêm muito pouca. Cães resistentes ao calor sofrem menos danos e podem trabalhar por

mais tempo e com mais eficiência, sem o risco de superaquecimento. Isso não apenas afeta negativamente o desempenho do cão no trabalho, mas também pode ser fatal. As propriedades de algumas pelagens também podem ser benéficas para a resistência ao calor.

Impulso, motivação e instinto de caça são coisas básicas que podem ser influenciadas por fatores externos, mas esse instinto é exclusivo dos cães e é o mais observado na escolha de um cão. É uma característica a ser valorizada em cão farejador. Este atributo é administrado por um adestrador que motiva constantemente o cão e o incentiva a procurar um brinquedo. Isso permite que o cão repita centenas de vezes para receber o brinquedo as noções básicas de treinamento e do seu trabalho. Os cães precisam ser dedicados e manter um foco extremo ao usar o nariz para procurar o cheiro desejado, o que não significa necessariamente que o cão precise ser hiperativo. Essa motivação, o desejo insaciável de descobrir a causa do odor, é essencial para os cães farejadores (MCGARRITY et al., 2016).

Os cães farejadores precisam ser capazes de trabalhar com humanos de acordo com pistas visuais e auditivas. Isso permite que os cães trabalhem com eficiência e obediência no campo. Os cães devem minimizar a agressão a humanos e outros cães e permitir um ambiente de trabalho pacífico. O filhote deve estar disposto a trabalhar com o condutor no momento da detecção, mas o cão deve ter algum grau de independência ao trabalhar. Uma área que muitas vezes não é percebida é a socialização animal, que está diretamente relacionada à independência e autoconfiança no local de trabalho, onde os animais são treinados em uma variedade de situações e ambientes (ROONEY et al 2004).

Cães treinados geralmente buscam menos orientação de treinadores do que cães não treinados, demonstrando independência e habilidade para resolver problemas. Isso não significa que animais jovens e inexperientes sejam ineficientes nas atividades de farejamento. Existem recursos usados no treinamento de cães que podem resolver esse problema, mas verificou-se que cães altamente autônomos geralmente podem perder a disciplina. A obediência é imprescindível, mas possui algum grau de autonomia, principalmente para a segurança dos cães detectores de explosivos e animais selvagens (REBMANN et al., 2000).

A possibilidade dos cães de se adaptar e lidar com estímulos produtores de estresse em seu ambiente de trabalho é uma característica importante. Esse

mecanismo de enfrentamento é importante para identificar cães frequentemente expostos a uma variedade de estímulos ambientais visuais, auditivos, olfativos e táteis. Isso não está apenas relacionado à sua raça, mas também ao seu treinamento, socialização, experiências e exposição ao meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um bom cão de detecção possui várias características, entre elas motivação para procurar as coisas (desejo de caça), intensidade, concentração, socialização, o que neste último caso, grosso modo, sugere medo e falta de agressão diante de situações e ambientes desconhecidos, sendo isto também considerado essencial. E é claro: bom olfato. No entanto, não apenas essas características, mas outros fatores, como o treinamento, estão envolvidos, garantindo que seja um bom cão farejador. Ou seja, não se consegue que seja um bom farejador unicamente pelas suas características biológicas, deve haver uma preparação para ajudar o cão a desenvolver suas potencialidades.

Algumas variedades podem aumentar as chances de sucesso em encontrar um indivíduo apto, mas não é possível determinar quais variedades são mais adequadas para o treinamento. Cada raça deve ser avaliada e testada cuidadosamente, pois cada raça varia de indivíduo para indivíduo (a raça não determina em última análise o cão bom para farejador em funções humanas como auxílio). A combinação de treinamento e escolha pode trazer resultados satisfatórios e alguns benefícios no trabalho em que os cães são selecionados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWNE, C., STAFFORD, K., FORDHAM, R. **The use of scent-detection dogs.** Irish Veterinary Journal. v. 59(2), p 97-104, 2006.
https://www.researchgate.net/publication/261663456_The_use_of_scent-detection_dogs

CANIN, Royal. **Enciclopédia do Cão.** Paris: Aniwa, 2001.

CHEN, M., DALY, M., NATT, S., WILLIAMS, G. **Noninvasive detection of hypoglycaemia using a novel, fully biocompatible and patient-friendly alarm system.** British Medical Journal. v. 321, 2000.
https://www.researchgate.net/publication/12205020_Non-invasive_detection_of_hypoglycaemia_using_a_novel_fully_biocompatible_and_patient_friendly_alarm_system

COSTA, Felipe. **Utilização de cães de faro em operações de barreira policial na repressão ao tráfico de drogas.** Monografia - Bacharelado em Segurança Pública. UNIVALI, 2008.

FIORONE, Fiorenzo. **Enciclopédia Canina.** Argentina: Rizzoli, 1970.

GAZIT, I.; TERKEL, J. **Explosives detection by sniffer dogs following strenuous physical activity.** Applied Animal Behaviour Science, v. 81, 2003.
https://www.researchgate.net/publication/228488742_Explosives_detection_by_sniffer_dogs_following_strenuous_physical_activity_1

GEARY, Michael. **Tudo sobre cães.** São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

GORDON, R. T. et al. **The Use of Canines in the Detection of Human Cancers.** The journal of alternative and complementary medicine. v.14, 2008. <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/acm.2006.6408>

GRAHAM, L. T.; GOSLING, S. D. **Temperament and personality in working dogs.** In: Helton, W.S. (Ed.), Canine Ergonomics: The Science of Working Dogs. CRC Press, London, 2009. https://www.academia.edu/2774863/Temperament_and_personality_in_dogs

JEZIELSKI, T. et al. **Efficacy of drug detection by fully-trained police dogs varies by breed, training level, type of drug and search environment.** Forens. Sci. Int. 237, 112–118. 2014. https://www.researchgate.net/publication/260841118_Efficacy_of_drug_detection_by_fully-trained_police_dogs_varies_by_breed_training_level_type_of_drug_and_search_environment

MACIEL, Mário Augusto Jardim. **O emprego de cães nas atividades de polícia ostensiva.** Monografia. Brigada Militar, 1999.

MARTINS, Clayton Marafioti. **O Emprego de cães de faro na detecção de drogas ilícitas Caso: Polícia Militar de Santa Catarina.** Monografia. UNISUL, 2007.

MARTINS, Adalberto et al. **Importância da especialização do plantel canino para emprego no serviço policial.** Monografia. PMSC, 1995.

MCGARRITY, Monica et al. **Comparing the predictive validity of behavioural codings and behavioural ratings in a working-dog breeding program.** Appl. Anim. Behav. Sci. 179, 2016. <https://psycnet.apa.org/record/2016-15551-001>

MICHELETTI, M. H.; DE MELO, C. B. **Detection dogs:** a brief review about the use of the canine nose. Brazilian Journal of Veterinary Medicine, [S. l.], v. 38, n. 4, p. 387–392, 2016. Disponível em: <https://www.rbmv.org/BJVM/article/view/42>. Acesso em: 3 oct. 2021.

MOORE, G. E et al. **Causes of death or reasons for euthanasia in military working dogs:** 927 cases. J. Am. Vet. Med. Assoc. 219, 2001. <http://www.carodog.eu/wp-content/uploads/2014/10/olddog-Moore20012.pdf>

MOURA, J. A et al. **An analysis of the 1978. African swine fever outbreak in Brazil and its eradication.** Scientific and Technical Review of the Office International des Epizooties, v.29, n.3, 2010. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21309454/>

MOSER, E., MCCULLOCH, M. **Canine scent detection of human cancers:** A review of methods and accuracy. Journal of Veterinary Behavior. v. 5, 2010. <https://www.semanticscholar.org/paper/Canine-scent-detection-of-human-cancers%3A-A-review-Moser-Mcculloch/44650422d8d4f459532fb17c5e97ef316832d4f6>

POLGAR. Z. et al. **A Test of Canine Olfactory Capacity:** Comparing Various Dog Breeds and Wolves in a Natural Detection Task. Plos One 6, may, 2016. <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0154087>

REBMANN, A, et al. **Cadaver Dog Handbook:** Forensic Training and Tactics for the Recovery of Human Remains. CRC Press, Boca Raton, Florida, 2000. https://archive.org/details/Cadaver_Dog_Handbook_2000_Forensic_Training_Tactics_for_the_Recovery_of_Human_Re/page/n105/mode/2up

ROONEY, N. J et al. **Breed and sex differences in the behavioural attributes of specialist search dogs.** Appl. Anim. Behav. Sci. 86, 2004. https://www.researchgate.net/publication/248335170_Breed_and_sex_differences_in

[the behavioural attributes of specialist search dogs -
A questionnaire survey of trainers and handlers](#)

SILVA, Elton Carvalho da. **O emprego de cães nas operações de localização de entorpecentes na Polícia Rodoviária Federal em Mato Grosso**. Monografia. FAECC, 2003.

NOTOMI, Marcia Kikuyo et al. **Cães militares**: características, habilidades e cuidados com a saúde. REBESP, Goiânia, n. 1, v. 13, p. 33 - 40, jan. 2020.